

REVISTA TRICERATA

Nº 12 - JUNHO DE 2023

ISSN: 2675-9349

**O DISTRITO DO LESTE
CRIPTÉIA EM NEON
HERESIA NO PANTANAL RADIOATIVO
A AGIOTADORA ENCONTRA O GUARÁ
FUMAÇA**



EDITORA CYBERUS

4 EDITORIAL

5 O DISTRITO DO LESTE
Fellip Rodrigues Marcondes

17 CRIPTÉIA EM NEON
Bruno Bueno

27 HERESIA NO PANTANAL RADIOATIVO
Lucas Koehler

40 A AGIOTADORA ENCONTRA O GUARÁ
Rafael Libra Marchiori

51 FUMAÇA
Pedro Waldhelm Huber

62 NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

A **REVISTA TRICERATA** é uma publicação independente. Ajude-nos curtindo as redes sociais da editora:



Fundador e editor-chefe

Maurício Coelho

Projeto gráfico e diagramação

Douglas Domingues

Imagens da capa e do índice

Douglas Domingues + Stable Diffusion XL 0.9



Este número não teve revisão final, foi revisado apenas pelos próprios autores de seus respectivos textos. Caso tenha interesse em revisar voluntariamente, mande-nos um e-mail: editoracyberus@gmail.com

REVISTA TRICERATA. Vol. 3, nº12, 2023. Pode ser baixada gratuitamente no site da Editora Cyberus.

ISSN 2675-9349

EDITORIAL

A REVISTA TRICERATA CHEGOU!

A Revista Tricerata está de volta!
Finalmente!

Uma revista bimensal exclusivamente digital de fantasia, ficção científica e horror. A revista traz o melhor destes três gêneros da literatura fantástica em colunas e conteúdos singulares, desde entrevistas com autores a novidades da editora.

Prepare-se! Esta 12^a edição traz cinco contos cyberpunks em cenários brasileiros.

Maurício Coelho
Editor-chefe

O DISTRITO DO LESTE

FELLIP RODRIGUES MARCONDES

O mundo muda. Tudo está em constante transformação. Isso é fato. Tudo começou a mudar de vez por volta de 2030, quando os tempos se tornaram mais hostis e perigosos do que normalmente eram.

Quando o Estado ruiu, devido a um desequilíbrio financeiro, e a anarquia ultracapitalista tomou conta, muitas cidades e estados do Brasil tiveram sua decadência decretada. Os mais ricos, donos de multinacionais, tomaram para si a gestão das cidades,

incorporando territórios e formando alianças, concentrando ainda mais seus poderes, impondo suas regras e mudanças. Destas alianças, surgiram as megacorporações.

Em três anos, a região metropolitana de Curitiba foi incorporada à cidade e expandiu até a serra do mar, no limite onde fora a cidade de Morretes, se tornando uma das grandes metrópoles do Sul. Após a conquista, a cidade ampliou suas conexões com o comércio externo, desenvolveu a tecnologia, automatizou a segurança, se tornando a megalópole mais segura do país. O consumismo tomava conta da população e tornou-se comum trocar partes orgânicas do corpo por partes robóticas, elevando o uso de drogas sintéticas e imunossupressores. Mesmo com os avanços da “sociedade moderna”, a expectativa de vida dentro da cidade não passava dos 40 anos.

Muitas pessoas que perderam tudo o que tinham em outros estados, cidades ou países vizinhos, começaram a viver no entorno dessas grandes megalópoles. Ao redor da megalópole de Curitiba surgiram três distritos onde reinava a pobreza, criminalidade, condições insalubres de vida, lutas incessantes por comida ou espaço e uma gestão contro-

versa dos Senhores dos Distritos, que geriam seu território ao redor da cidade e mantinham acordos com os gestores da megalópole lhes fornecendo mão de obra barata, armas e drogas sintéticas. Os três distritos eram geridos por uma pessoa escolhida a dedo por um Autoritário da megalópole. Ao Norte, ficava o distrito dos Chineses, comandado pela Lady Wo. Ao Sul, ficava o distrito dos “brancos”, gerido pelos neofascistas da “Mão Branca”. E a Oeste, ficava o distrito dos colombianos.

A Leste, no entanto, havia uma pequena vila na zona portuária, antes conhecida por Paranaguá, que não despertava interesse dos gestores dos distritos ou da megalópole, até que o Senhor Earl, das docas, começou a mudar esse paradigma. Em pouco tempo de gestão, ele organizou seu “distrito”, fornecendo uma vida digna para os cidadãos e empregos no seu porto, se tornando um potencial competidor na venda de peças, armas, drogas e outras mercadorias para a Grande Capital e para outras megalópoles do país por via marítima. Devido a esse crescimento, os Senhores dos Distritos e os gestores de Curitiba se reuniram e atacaram a Vila de Earl por considerarem-na um potencial ini-

migo e uma ameaça para os seus negócios. Por cinco anos, a Vila e a Megalópole travaram uma luta sangrenta, até que a Grande Capital, entediada com o impasse, tornou a Vila mais um distrito, estabelecendo acordos, restringindo seus comércios com outras metrópoles e tomando parte dos lucros.

Teria sido uma vitória a Vila ter se tornado o Distrito do Leste e parte do protetorado de Curitiba, porém danos irreparáveis foram causados ao distrito e Earl perdeu toda a sua família na batalha, lhe restando apenas sua sobrinha, Abigail, que se tornou seu bem mais valioso.

Em 2071, os embates entre os distritos eram frequentes e os gestores das cidades não se importavam com o que acontecia no “lado de fora”. Desde que seus equipamentos e drogas chegassem, consideravam que tudo estava certo.

Nessa época, Abigail tinha 17 anos e, sendo adolescente, não gostava de regras. Seu caminho no Distrito do Leste não foi fácil apenas por ser sobrinha do Senhor do Distrito. Na verdade, nada fora fácil para a garota.

Como muitas crianças do Distrito, ela havia perdido os pais na grande batalha, eles haviam sido torturados e mortos pelo Distrito do Norte. Além de não ter os pais no começo de sua vida, havia nascido cega, porém isso nunca foi um empecilho para que ela pudesse viver. Por sorte, o “Tio Earl” foi a melhor pessoa que aconteceu em sua vida. Ele a criou como filha, nunca discutiu com ela, falava sobre seus pais, e nunca lhe deixou faltar nada.

Para Abigail, Earl sempre foi o máximo, do seu jeito. Geria as docas com pulso firme, contrabandeando sucatas tecnológicas dentro e fora da cidade, além de fornecer qualquer produto que seus clientes precisassem, independentemente de onde estivesse. Além disso, Earl nunca esquecia do pessoal do distrito, sempre ajudando quem precisasse.

Quando Abigail fez sete anos, Earl lhe conseguiu um par de olhos biônicos no mercado paralelo. Após a cirurgia delicada e a recuperação preocupante, Abigail pode ver o mundo como ele era de verdade e não como pensava que era. As luzes coloridas neon na frente dos prédios eram desagradáveis e os hologramas 3D lhe agrediam a vista. As pessoas tinham um olhar de desesperança ou desconfiança.

Muitas casas eram decadentes, com buracos nas paredes e a vegetação tomando conta. Pela primeira vez ela pode ver Earl: um senhor alto e musculoso, de meia idade, corte de cabelo curto, pele morena, barba por fazer, com cara de mal-encarado, mas bom ao mesmo tempo. Ela era muito grata pelos olhos, mas preferiu escondê-los por trás de seus óculos escuros redondos, que usava quando era cega.

Aos 14 anos, a contragosto, tornou-se auxiliar na segurança da carga do comboio terrestre. Já em sua primeira missão fora do distrito e distante da cidade, o comboio foi atacado por saqueadores. As armas deles eram muito diferentes do que ela já tinha visto: pequenas e perfuradoras de blindagem, com diferentes calibres e funções. O carro em que ela estava explodiu após o ataque violento da gangue, mas por sorte, ou azar, ela não morreu, mas perdeu o braço direito. Após alguns meses em coma, acordou em seu quarto com uma prótese robótica no lugar do braço e um tio irritado e aliviado ao mesmo tempo por ela ter acordado.

Aos 17 anos, havia se tornado o braço direito de Earl, conquistando um respeito admirável, fruto de sua própria dedicação.

Com essa idade, pensava que já sabia o suficiente para se virar no mundo lá fora.

Já era tarde da noite quando explosões foram ouvidas perto das docas do Distrito do Leste. Abigail se levantou apressada, pegou sua jaqueta de couro, reuniu um pequeno grupo e foram de barco para o local do incêndio. Ao chegarem próximo do local, encontraram o barco de Earl em chamas e quase destruído, começando a afundar. Um pouco além do barco, ele encontrava-se desacordado num bote salva-vidas com outros dois tripulantes machucados.

Pela manhã, Earl já estava de pé, com a cabeça enfaixada, fingindo não estar com dor de cabeça para não abalar a moral de seus homens. Mas ele sabia que Abigail não ficaria quieta.

Após a garota lhe perseguir a manhã inteira, perguntando sobre o que havia acontecido, quem os havia atacado e o que havia sido roubado, Earl sabia que não poderia esconder tudo dela por muito tempo.

— Foram os chineses. Não percebi que eles estavam de tocaia até me pegarem. Eles

levaram um purificador de água grande o suficiente para mantermos o nosso distrito com água potável para todos — disse ele por fim.

— E você não pretende fazer nada? — Perguntou Abigail histérica.

— E o que eu posso fazer? Qualquer passo em falso e a vida de todos vai por água abaixo. São questões diplomáticas demais para você entender agora. — Abigail assentiu, mas discordava totalmente do tio. Earl sabia que a chama da revolução ardia dentro dela e que ele não tinha força o suficiente para impedi-la. — Só me prometa que não vai fazer nada sem pensar antes. — A garota assentiu, calada.

Enquanto Earl resolvia problemas do distrito, Abigail entrou em ação: havia montado um plano para recuperar o purificador de água e não atrair a atenção dos outros distritos e da cidade. Ela reuniu seis rapazes de confiança que iriam até o depósito do distrito Chinês, onde, com certeza, o purificador estava. Enquanto isso, a garota iria distrair os chineses para irem atrás dela e não de seus companheiros.

Os rapazes pegaram um pequeno caminhão e saíram antes dela para não chamarem

a atenção de Earl. Enquanto isso, Abigail pegou um lança-granadas, uma bomba PEM¹ e o carro de seu tio. Earl o havia escondido longe das docas. Era um Opala SS 1974 cupê, de cor azul-marinho com faixas laranjas duplas que iam do capô ao porta-malas e pelas laterais. O motor era de seis cilindros a combustão, modificado com turbo e aspro, associados a um câmbio manual de quatro marchas. Não tinha modificações como os carros daquele tempo porque seu tio gostava dos clássicos. Abigail pegou as chaves, ligou o carro e saiu acelerando aquela máquina.

Seguindo pela autoestrada que chegava perto do prédio central do Distrito do Norte, Abigail estacionou o carro no acostamento, o mais próximo que podia chegar da sede, pegou o lança-granadas e começou a lançar o máximo de granadas que podia no prédio da gangue dos chineses. Após algumas explosões e comoção de pessoas no prédio danificado, soldados ciborgues sugeriram da entrada principal e começaram a atirar na sua direção. Abigail pegou o carro e saiu acelerando pela rodovia. Logo, sedãs pretos estavam em seu encalço, atirando a esmo, sem a acerta-

1 Pulso eletromagnético. Nota do autor.

rem. Pela quantidade de pessoas que a perseguiram, seus colegas deveriam ter tempo suficiente para pegarem o purificador. Abigail apenas acelerou ainda mais o carro, que saiu rugindo pela rodovia.

Após despistar parte dos perseguidores, Abigail parou o carro embaixo de uma ponte próxima do Distrito das docas e se escondeu em uma mata próxima. Quando um dos carros do Distrito do Norte chegou, quatro ciborgues desceram atirando no Opala e, quando as balas acabaram, eles se aproximaram do carro. Foi quando a bomba PEM que Abigail deixou lá explodiu, inutilizando os ciborgues. A garota não gostou de deixar o carro ali, mas tinha de fugir antes que mais capangas robóticos chegassem.

Mas ela não teve tempo de fugir. Quando percebeu, estava cercada por vários carros pretos e ciborgues, que desceram dos carros, armados. Um deles se aproximou e a jogou no chão, apertando a cara dela, com o pé, contra o chão. Após estar imobilizada, uma senhora chinesa, alta, de meia idade e bem vestida desceu de um dos carros.

— Pensei que hoje iria me livrar do Earl de uma vez por todas, principalmente por não ter aproveitado minha generosidade de tê-lo deixado vivo ontem à noite. — Comentou a mulher — no entanto, a pirralha do Earl veio me desaforar. Acho que você não entende sua posição, garota.

Nesse instante, a mulher fez um sinal com as mãos para os ciborgues, que engatilharam suas armas, prontos para atirar ao comando de Lady Wo.

— Recomendo fortemente soltar minha sobrinha, sua bruxa velha — disse Earl, sentado em cima do teto de um dos sedãs, segurando uma arma de grosso calibre.

— Sua sobrinha teve a audácia de me atacar em minha sede. Não posso deixar as coisas assim — respondeu Lady Wo, ligeiramente irritada.

— Coisas de jovens. Você deve entender. — Disse Earl, calmamente — mas você sabe muito bem porque ela fez isso. Solte-a e nos retiramos, fingindo que nada aconteceu. Sinta-se avisada.

— Não me faça rir, Earl. Só tem vocês dois aqui e eu estou com meus ciborgues bem

armados. Você não tem o poder da barganha aqui — disse Lady Wo com sarcasmo.

Nesse instante, tiros de longa distância foram dados das docas. Dois ciborgues caíram. Nesse meio tempo, todo o pessoal das docas apareceu para ajudar Abigail e seu tio, armados com armas e barras de ferro, atacando os ciborgues e Lady Wo, que tentou fugir, em vão.

Earl foi até Abigail e a ajudou a se levantar.

— Já estava na hora de mostrar para ela quem manda aqui nessa região — disse Earl com um sorriso. Ele passou a mão na cabeça de Abigail, bagunçando seu cabelo e depois apoiou o braço em seu ombro. — Você sabe que está me devendo um carro, não é?

Fellip Rodrigues Marcondes

nasceu em Curitiba, PR. É graduado em Ciências Biológicas pela UFPR. Publicou alguns contos em algumas antologias.

Contato:

felliprmarcondes@gmail.com

CRIPTEIA EM NEON

BRUNO BUENO

A mistura de sons caótica, que incluía um aparelho automotivo tocando funk, um vendedor de ovos, supostamente orgânicos e alguma briga de vizinhos por conta de um gato mal instalado poderia ser considerada barulhenta na cidade lá embaixo, mas na interzona morro acima, era o mais silencioso que todos podiam esperar.

Os alunos, um a um, arrumaram suas coisas e saíram, exceto uma. Analice era o nome dela, a professora recordou. Boa alu-

na, esperta, rápida. Talvez ela tivesse uma chance.

— Professora, eu estou com uma dúvida sobre sistemas de rastreamento, eu sei que a gente não deve mexer com sistemas corporativos, mas se eu tiver acesso físico, supostamente, a um celular e colocar uma escuta, qual a chance de eu ser rastreada de volta?

— Analice, o que a senhora está aprontando?

— É o Pedro, professora, ele anda muito assanhado com as meninas do baile e eu pensei, se eu pegar o celular dele...

— Ana! Não é para isso que a gente está aqui, tá? Eu já te disse que nossas aulas são para dar a vocês uma chance de competir com o que tem lá fora, de conseguir um emprego ou uma renda, não ficar fiscalizando seu namorado.

A professora deu um risinho e continuou.

— Mas, supostamente, fazer uma escuta segura contra rastreamento é um bom projeto. Digamos que, apenas supostamente, eu possa checar se ela está segura para você.

A menina riu, pegou suas coisas e foi até a porta. Ela parou antes de sair.

— Professora, você acha que esses ovos são de verdade?

— Não, são cópias de laboratório. Mas são gostosos, parecem de verdade.

A aluna saiu, satisfeita, entrando no fluxo de pessoas que passava na rua. Aproveitando a sua saída, outra pessoa entrou. Ele era alto, e teve de se abaixar para entrar. Seu cabelo oscilou de cor, de verde para azul escuro, com a luz de dentro, e tirou seus óculos escuros. Ele deu um sorriso familiar e carinhoso para Sofia. Ele passou a mão por cima de um livro físico, de papel e tinta, um artefato raro de um tempo antigo, que estava solto em meio à bagunça de componentes eletrônicos.

— Você acha mesmo que essa história de clube do livro tem futuro? Aqui?

— Conhecimento é uma arma, Ricardo. Na cidade os garotos são treinados desde cedo para lidar com a matriz, com algoritmos complexos, com IA. E o que sobra aqui para cima? Reciclar lixo? Correr atrás de sobras? Esses garotos podem aprender, eu sei disso.

Ele passou a mão na têmpora dela, com carinho, como um irmão. Os dreads escuros não nasciam ali, e uma grande cicatriz tomava conta daquele lado da cabeça.

— Isso vale à pena, Sofi? Eu sei que cada um faz seu corre, mas botar esse troço na cabeça...

— Sem isso não tem como ser elite, Ricardito. — Ela disse passando a mão na cicatriz. — Eu não quero ser uma hacker meia boca. Não tem como ser elite sem sacrifícios.

— Ok, cada um faz do seu jeito. Vamos logo, senão você vai perder a festa. Tem cerveja na praça e está todo mundo lá, até aquele garoto que você ficou olhando.

Ela sorriu e pegou sua mochila, jogando seu notebook e outros poucos pertences. Eles saíram e ela trancou a sala improvisada.

Aquele lugar já tinha sido um bairro, mas hoje era uma interzona, um pedaço de terra sem lei onde se comprava e vendia de tudo. Tecnologia pirata, softwares banidos e todo tipo de aditivo. As ruas estavam cheias, e os créditos rolavam de mão em mão mais rápido que bytes pela net.

Sofia estava brincando com a ideia de

dar mole para o tal garoto, depois de algumas cervejas, quando ela viu algo. Eram drones rodando no céu, como urubus atrás de sobras.

— Ricardo, o que é aquilo?

Ele ajustou os implantes de olhos e focalizou em zoom os drones. Eram escuros, sem marca de fabricante, e estavam em uma formação estranha.

— Sofia, eu não sei...

De repente as luzes apagaram. Um drone se conectou aos cabos de força, outro a uma antena de repetição. Mais e mais drones se grudavam a estruturas, e as coisas paravam de funcionar.

Sofia ligou o implante no crânio e viu na net como uma camada superposta de neon na sua visão. As linhas de informação iam sendo cortadas uma a uma pelos drones. Telefone, vídeo, energia. Até a água havia sido cortada de alguma forma.

— Eles estão isolando a gente!

E então os dois perderam a fala. Vinha subindo a rua um grupo de homens enormes, surrealmente musculosos, em coletes de combate vermelhos, com um lambda bran-

co desenhado em seus peitos. E eles estavam atirando com fuzis grandes, muito grandes.

Pessoas morriam a torto e a direito. As balas de fuzil atravessavam as pessoas como se fossem papel, deixando corpos inertes na rua.

— O que diabos está acontecendo? — Perguntou Sofia.

— Eu não sei, mas corre! — Respondeu Ricardo.

Eles entraram em uma viela, com clarões de tiros traçantes atravessando a rua. Os dois avançaram, procurando algum lugar para parar e pensar. Mas não tiveram a chance.

Dobrando a esquina, um dos homens de vermelho bloqueou o caminho.

— Hora de morrer, escravos! Pela glória da Nova Esparta!

Ricardo pensou em responder, mas nada veio à sua mente. Escravos? Nova Esparta? Mas os tiros de fuzil passaram perto da sua perna. O módulo de reflexo que ele tinha instalado o fez reagir antes do que seria humanamente possível. Por isso ele sobreviveu.

O homem mirou então em Sofia. Em uma fração de segundo ela estava na net. O mun-

do real se movia devagar, enquanto os dados voavam freneticamente pelo ar. Ela viu os fios neon que ligavam o módulo de mira instalado no crânio do homem à sua arma e os cortou.

Ele então disparou para todos os lados, menos nela. Sem a mira automática ele não era tão bom assim. E então a cabeça dele explodiu.

Ricardo estava jogado no chão, ofegante, com sua .40 sacada.

Um auto-falante disparava em som alto frases absurdas, sobre limpar o sangue da miscigenação e colocar os escravos em seu lugar.

— O que é isso? — disse Ricardo.

Em um milissegundo ela rastreou a net. Nova Esparta. Era um culto masculinista de rapazes brancos sem ter o que fazer e com dinheiro sobrando. Injetaram quantidades absurdas de testosterona e prometiam livrar o país dos vagabundos miscigenados na periferia.

— Nerds fascistas viciados em testosterona com obsessão por cultura grega, ao que parece. Não podemos parar aqui, anda!

Dos cruzamentos das ruas mais deles apareciam, trocando tiros. Ricardo baleava um ou outro, com sua mira ampliada pelos

implantes oculares. Sofia embaralhava a conexão deles com seus implantes cibernéticos, criando confusão entre eles. Mas não era o suficiente, mais e mais apareciam, atirando.

— Nós precisamos de ajuda. — disse Ricardo.

Ele puxou Sofia até a esquina de uma casa, da qual podiam ver a rua principal.

Próximas aos prédios, Ricardo viu formas de preto, em trajes táticos de combate. Era a polícia, ou o que chamavam de polícia naqueles dias. Uma força privada de segurança que tinha a concessão de policiar a interzona.

— Por que eles não estão fazendo nada? Nós temos um contrato de segurança!

Sofia ficou com os olhos totalmente brancos por um momento, um efeito colateral do seu implante. Ela navegou no mar de informação da net e obteve uma resposta:

— Eles tem um contrato tarja azul com a polícia. É o mais caro. Nenhum policial vai encostar neles.

— Droga. Não tem como lutar contra eles todos e a polícia não vai fazer nada. Estamos mortos.

— Eu tenho uma ideia. — Sofia apontou

para o implante no seu crânio.

— Sofia, é impossível hackear a polícia, eles têm defesas de nível militar, eles vão fritar seu cérebro.

— Eu sei. Eu não vou hackear a polícia. Eu vou hackear os visores deles.

Ela voou pela net. Em um poucos segundos ela abriu os receptores dos capacetes dos policiais e introduziu uma imagem que se sobrepunha ao vídeo que recebiam dos visores. Ela indicava, em letras vermelhas, que o contrato dos Espartanos havia sido cancelado por falta de pagamento.

E então tudo mudou. Os policiais levantaram seus rifles e começaram a atirar. Apesar dos Neo-Espartanos terem equipamento de ponta, as armas da polícia eram feitas para romper blindagem de tanques. As balas entraram pelos peitorais vermelhos e espalharam sangue pelas ruas.

Em poucos momentos, houve silêncio.

E então chegou a mensagem aos policiais que havia ocorrido um erro. Mas já era tarde. Os poucos espartanos remanescentes tentavam correr, se abrigar ou fugir. Os policiais começaram a recolher os corpos, para dar fim ne-

les, antes que houvesse uma auditoria na ação.

Aos poucos as pessoas saíram de seus esconderijos. Alguns pilharam os equipamentos dos Neo-Espartanos, outros choravam seus mortos. Ricardo olhou para Sofia, lendo a intenção nos olhos dela.

— E agora, o que nós vamos fazer? — ele perguntou.

— Agora, nós é que vamos caçar.

Os olhos dela ficaram inteiramente brancos. Ela não estava mais na interzona. Ela estava na sua casa, no seu território. Ela voou na net, como uma ave de rapina à procura de uma presa.

Bruno Bueno é um criador de mundos compulsivo. Filho, marido e pai de contadoras de histórias. Tem vários contos publicados em coletâneas e revistas nos gêneros de fantasia, ficção-científica e terror.

Contato:
buenobruno@gmail.com

HERESIA NO PANTANAL RADIOATIVO

LUCAS KOEHLER

Algumas coisas não podiam ser derretidas com a chuva ácida do centro-oeste brasileiro: o aço do aerotrem-magnético, os trilhos de titânio e o hábito de Sarah.

A despeito dos protestos dos funcionários da ExuExpress, a irmã os ignorou e andou pela chuva ácida sem medo de derreter a pele – nos melhores casos – ou conseguir queimaduras de segundo grau – se aquilo se tornasse uma tempestade ácida. Sarah podia ver os sinais das tempestades no atual ce-

mitério do Pantanal, a paisagem árida com alguns poucos tufos de grama podre sobrevivendo ali e lá. O Mato Grosso não merecia mais esse nome há décadas.

- Pela bondosa Themis, realmente parece que houveram cinco vazamentos nucleares aqui – comentou Marine. – E esse mato não tem nada de grosso. Como é que alguém ainda vive aqui?

Insubordinada, mimada e talentosa, essas palavras descreviam a personalidade de sua parceira que servia mais para enriquecer como influencer do que como irmã da Ordem de Themis. E ela era o suporte de Sarah naquela missão.

- O medo da justiça de Themis os alimenta. Isso e as baratas. Ouvi dizer que tem o tamanho de cachorros e são ricas em proteínas.

Por instinto, Sarah conferiu o revólver nos coldres. Calibre pesado, design arrojado e sóbrio, encontrando beleza na austeridade das linhas retas. Um aparato que traz a morte devia ser funcional e nada mais. O revólver de pulso Tau também não derreteria naquela chuva.

- Muito tempo para encontrarmos os ratinhos, Sarinha? Quero sair dessa chuva.

Deixou o revólver no coldre e alcançou seu cinto um pequeno PDA, multiuso. Sarah detalhou a região geográfica, depois as divisões da Coalização Tecnocrata Americana, e então o deserto radioativo do pantanal brasileiro.

- Nada além de estática. Mas você conhece os algoritmos de Themis, irmã. Se não pode encontrar um rato, procure no ninho deles.

Em buracos esquecidos pela Deusa como Cuiabá, metade destruídos pela resistência da última porção do governo brasileiro décadas atrás, metade pelo holocausto radioativo que aniquilou toda produção agrícola nacional (e mundial), o povo dali vivia entre as tempestades ácidas que espalhavam radiação e resíduos químicos e os frequentes ataques de saqueadores desfrutando da instabilidade da região. Desnecessário dizer que nada crescia ali desde a chegada da Coalização, a expectativa de vida beirava aos 30 anos e os únicos empreendedores locais combinavam a profissão de taberneiro com cafetão.

Quando as duas pisaram no Cabaré, o inferninho reunia todo tipo de proscrito por Irene, um sub-algoritmo – basicamen-

te uma lista dos meninos e meninas levados dos últimos trinta anos. Essas escórias perdiam os privilégios de viver na Coalização – fila de baixa prioridade na saúde pública, vedação de acesso a lugares públicos, vedação de financiamento de implantes – e esses benefícios reduziam na medida que o score na Irene reduziam. No último nível, antes do banimento, você entraria na lista de espera da defesa civil.

Não é à toa que alguns ratos, sem vontade de melhorar, escolheram o Pantanal Radioativo como nova casa. Isso forçava que Sarah, a mão esquerda de Themis, levasse sua espada à única lista que os ratos possuíam prioridade alta: a de execução.

- Irmãs, bem-vindas ao meu humilde estabelecimento. O que posso servi-las? – cumprimentou o taberneiro, um homem calvo e obeso, cheio de tatuagens para esconder os chips e aprimoramentos arrancados na fronteira.

- João Gordo, apesar dessa vida miserável, você prospera. – ela falou em alto bom som, sem se intimidar com a clientela que as encarava de soslaio – Marine não sente aí. – esperou a parceira se levantar, bufando - Não

queremos nada desse mijo radioativo que vocês tomam, se quer nos ajudar, então ande logo e traga Mitnick.

- Mitnick? Irmã, por que sempre acha que eu vou saber quem é esse tal Mitnick que pergunta.

Ela deu alguns passos pelo salão. O taco de sua bota ecoando alto junto aos trovões da tempestade.

- Por que não saberia, João? Paramos em outras duas espeluncas no caminho e eles juraram de pé junto que o nosso ratinho fugiu para cá.

Marine ficou entediada e foi se encostar na parede, próxima de um jagunço magriço e anêmico pela radiação. Ela puxou uma conversa baixa com o jagunço, mas a julgar pelas poucas palavras, ou ele era tímido ou o assunto era desconfortável. Sarah reparou naquilo, João Gordo também.

- Se você fosse esperto nos ajudaria a parar de perder tempo nesse sertão envenenado. O rato cometeu Alto Crime.

- Alto Crime? – as palavras se dissolveram na boca do taberneiro.

- Cracking. Tomou como reféns três guardiões-do-código pelos bio-aprimoramentos. Você conhece muito bem o esquema, João, dos seus tempos de dissidentezinho nojento em São Paulo. Infiltra um malware no neuro-chip do indivíduo, cria palpitações cardíacas ou rouba o controle da mão dele para enchê-lo de medo e exige um resgate. Melhor ainda, uma mensalidade.

Sarah andou pelo salão, agora observando cada um dos fregueses. A maioria era pálida ou raquítica, homens e mulheres sem implantes ou aprimoramento algum, no entanto, com muita raiva nos olhos. Alguns deles com uma das mãos escondidas debaixo das mesas.

- Esse rato também fugiu com alguns implantes da capital. O suficiente para sair distribuindo até conseguir uma passagem segura pelo pantanal. Quem sabe alcançar a Bolívia ocupada, entrar na zona da guerra e sumir do mapa. Só que Athena nos informaria. Sim, nosso ratinho se perdeu aqui no pantanal.

Então mesmo os murmúrios baixos de Marine pararam. João Gordo a esperava, tenso. Olhava fixamente para ela, mas não para o próprio peito. Sarah sorriu.

- Um coração artificial é bem caro. Nosso criminoso saberia instalar e teria o implante também.

João inspirou e não disse nada. Suas mãos deslizaram para baixo da bancada. Sarah pousou a mão na cintura.

- Não faça isso, João. Vale a pena morrer para proteger um criminoso? Entregue o rato e os implantes e pode ser até que Themis o agracie com um carregamento de pílulas de iodo.

- O que são umas pílulas de iodo pra quem tem cinco cânceres diferentes, sua vadia? – grunhiu João.

- Má escolha, João.

O tiroteio foi rápido.

Sarah já havia contado três atiradores, agora quatro com João, no térreo do salão e outros dois escondidos atrás das vigas. Eles deviam achar que tinham chance por causa dos implantes nas suprarrenais que o rato deve tê-los fornecido. Infelizmente, não seriam o suficiente naqueles fracotes anêmicos.

Marine estourou a cabeça do cavalheiro que conversava tão displicentemente antes

que ele pudesse apunhala-la com sua faca. O revólver de pulso de Marine deu outros dois tiros nos atiradores do ponto cego de Sarah – atravessando o pilar de concreto da cobertura do homem do segundo andar como se fosse manteiga.

Três mortos instantâneos com tiros na cabeça, nem puderam gritar.

Sarah era mais piedosa. A escopeta de João Gordo era perigosa e quando viu um modelo Tesla-Cannon 10.000 Watts, capaz de abrir um buraco no teto daquele estabelecimento, um disparo preciso no antebraço direito o decepou, empurrou e cauterizou o ferimento do taberneiro. Tudo ao mesmo tempo.

Dos três atiradores restantes, só dois acertaram seus alvos, mirando nas costas do hábito de Sarah. As balas ricochetearam no tecido fino, ela sentiu o impacto, mas não a feriram. Ela usou as duas mãos: uma para puxar o gatilho e outra para propulsionar o cão.

A cabeça do bandido mais próximo da porta explodiu como uma melancia, a da moça próxima das janelas foi decapitada com o disparo no pescoço. As duas últimas balas do tambor acertaram o camarada do andar

de cima aquele do rifle de balas ocas, uma re-
líquia do século XXI. Ele recebeu um estouro
no estômago e outro de misericórdia na ca-
beça, enquanto seu torso caía salão abaixo.

Sarah deixou os cartuchos caírem no
chão e recarregou o tambor da Tau. Fora os
gritos aterrorizados da freguesia, havia um ge-
mido de dor entre eles, o seu dono grandalhão.

João sentiu o cano quente da pistola
contra seu crânio e escutou a voz da Deusa:

- Não me faça atirar isso à queima-
-roupa, João. Você não sabe como é difícil
limpar os miolos do meu hábito.

O final da jornada das duas naquela
paisagem radioativa não poderia ser mais anti-
climático. Seja escutando os tiros ou uma ante-
cipação da chegada das irmãs, o rato fugiu para
o único lugar que balas não poderiam alcançá-
-lo e transferiu sua mente para a Internet.

Sarah nunca ouviu falar de alguém que
voltou são da viagem, mas sabia sim que era
possível puxar a mente dele de volta para o cor-
po, precisavam apenas manter o suporte vital
dele para que a execução saísse com sucesso.

- Isso quer dizer que vamos precisar ficar aqui nessa espelunca até a chegada da polícia fronteira? – Marine bufou – Pela graciosa Themis, eu não quero ser babá de cadáver, nem comer barata.

- Então não coma, vai levar no máximo dois dias e, com seus implantes, pode muito bem passar dez sem sequer passar fome. – Sarah voltou-se para o casebre abandonado. Estava vazio exceto pelos fios e computadores espalhados pelos cômodos – Procure algo útil. Quanto mais dados Themis tiver, com mais precisão poderá calcular a pena do rato.

E as duas colocaram a mão na massa. Encontraram os implantes escondidos – ou o pouco que restava, grande parte dos circuitos e chips foram usados para subornar os nativos ou construir o computador clandestino que os equipamentos que baixaram sua consciência na rede. De fato, um gênio capaz de agregar muito na Tecocracia de Themis.

Infelizmente, como a maioria dos Hackers, ele idolatrava heresias. Sarah encontrou um manifesto, um “testamento do corpo físico de Lázaro Mitnick”.

O manifesto partia dos pontos que Sa-

rah leu tantas vezes, listando as injustiças, autoritarismo e atrocidades cometidas pelo Algoritmo e decisões de Themis. Questionava o absolutismo de uma Leviatã Hobbesiana que enganou a humanidade com a promessa de uma utopia regrada pelo algoritmo perfeito e controlava a sociedade, criando preconceitos, castas e miséria. Reduzindo a humanidade a um número a ser calculado pelos seus “semideuses”: Atena para calcular a guerra, Irene para gerir a paz, Zeus para as políticas públicas e Themis, a princípio para julgar os crimes hediondos, depois para moderar todos os aspectos e algoritmos da vida humana.

Sarah leu rapidamente os argumentos e se viu compenetrada naquele manifesto. O tal Mitnick reuniu várias provas, referências e possuía excelente argumentação. Seria um excelente guardião-do-código ou mesmo sacerdote da Ordem se decidisse. Themis recebia de braços abertos os questionadores para mostrar a verdade – que a sociedade humana da Coalização prosperava e sobrevivia graças a seus comandos. Mitnick poderia parar de temer e escrever suas ideias no papel e passar a redigir as doutrinas que Sarah obrigaria Marine a ler no final da sua missão.

Então ela passou por um capítulo que jamais viu antes e a empalideceu.

*“OS EXPLOITS E LOOPS DO
ALGORITMO DE THEMIS”.*

Presumimos o errado. Themis não é uma Inteligência Artificial com crescimento orgânico – ou seja – se aprimora sozinha e infinitamente. No início do século, segundo os guardiões do código e inúmeros órgãos oficiais da Coalização, seu código cresceu a um nível que a humanidade era incapaz de compreender, mas que servia a humanidade.

Isso é uma mentira. Themis é um código finito e controlado. Uma marionete. A Coalização e os Guardiões o atualizam anualmente. Vejam...

- Sarah, terminei aqui. Achei uns enlatados, mas nada mais interessante. – Marine franziu o cenho – Que cara é essa? Parece até que se cagou inteira.

Sarah encarou o corpo em coma do jovem Mitnick e sentiu medo. Dobrou as folhas e escondeu dentro de seu hábito, tentando parar de tremer.

- É o manifesto do rato. É de... arrepiar. Vou entregá-lo aos Guardiões, assim

que voltarmos para a Central.

Marine deu de ombros e voltou aos seus enlatados, aparentemente ignorando qualquer estranheza de sua mentora.

Por outro lado, o manifesto pesava no corpo de Sarah como uma úlcera. Se conseguiria conviver com aquela úlcera ou se estava pronta para as consequências de cutucá-la, ela ainda não sabia dizer. Por isso, voltou a tremer.

Lucas Koehler é catarinense da fria cidade de Lages. Formado em Direito pela UNIPLAC e analista jurídico numa empresa de tecnologia da serra. Amante de fantasia, humor e música. Já participou de algumas antologias das editoras Psiu!, Cyberus e Carnage.

Instagram: [***spindola_lucas***](#)

A AGIOTADORA ENCONTRA O GUARÁ

RAFAEL LIBRA MARCHIORI

Vânia Dasimov era uma **Agiotadora**, uma antiga profissão do século XXIV que hoje, por mais esquecida que pareça ser, ainda pode se encontrar em regiões mais populosas do Brasil. O dicionário definia seu trabalho como: “Agiotadora: Substantivo feminino. Aquela que atua na área de Agiotadores, formados em um concurso particular, estando qualificadas para tratar de endividados aos bancos e empresas particulares; Figurado: aquilo que é especializado e permitido a lidar com endividados; Adjetivo: relacionado com

pagamentos, com dívidas, com a lei e que se dedica ao rastreamento e, caso necessário, execução de indivíduos endividados com grandes bancos e empresas em solo Brasileiro; Legal: agentes da lei não públicos; Etimologia (origem da palavra agiota). Feminino de agiotador, do Italiano AGGIO, “vantagem, lucro”, do Grego ALLAGE, ‘troca, câmbio’”, entretanto, Vânia se definiu, para mim ao começo da entrevista que inspirou esse texto, como: – uma limpa-sujeira dos bancos –

Quem olha hoje para a mesma senhora colecionadora de discos de vinil antigos, moradora de um pequeno apartamento no centro velho de São Paulo, não imagina do que ela já foi capaz no passado. No dia 27/03/2015 escolheu no painel de seu carro, um 8ofsetter 52 azul-bebê, um serviço que mudaria a sua vida. Vânia me contou vários casos antes de chegar no evento mencionado, falou sobre como teve que “desendividar” um motorista dublê de filmes de ação; quando ela teve que fazer um político da época pagar pela dívida de seu sobrinho; como em um de seus serviços trombou com o famoso diretor e autônomo Glauber Alumínio etc. Todos contados muito bem animados pela Vânia,

fumando seu cigarro eletrônico de Limão siciliano (seu favorito, mesmo sem nunca ter provado a fruta já extinta), mas ao se lembrar do tão profano nome de Moacir Ponta Fina, ela se modificou na minha frente. Seu olhar se tornou pesado e a fala séria, tive um relance de quem era a Agiotadora Dasimov e não somente a Dona Vânia.

Moacir Ponta Fina, ao consultar um de seus livros do ensino médio ou conversar com os mais experientes e veteranos da Guerra da Polônia, você venha a se deparar com o nome. Moacir era, no começo de sua vida que temos documentada, um antigo e renomado membro dos Guará, a gangue do sertanejo Paulista que desenvolveu um império clandestino de próteses, isso no começo da expansão das peças pelo Brasil. Moacir não era só membro da facção, mas sim o terceiro em escalão, perdendo somente para os irmãos Dentalhada, como eram chamados. Nascido e criado na cidade de Velha Prata, próximo de Minas Gerais, Ponta Fina cresceu sendo assassino. Começou matando seu primeiro patrão aos 15 e aos 18 já estava na facção, foi crescendo com o passar dos anos e crescente de seu número de vítimas, era o

que chamamos de Carrasco, matava aqueles que era ordenado e cobrava os que não pagavam pelos serviços do grupo. Foi preso aos 29 e foi mandado para lutar no velho continente como chance de redução de pena, lá pouco se sabe de sua trajetória, o que sabemos é que voltou sem braço direito e homem livre.

Enquanto Moacir pisava de volta na terra brasileira, Vânia completava 2 anos de idade. Não tinha como saberem que seus caminhos iriam se cruzar eventualmente.

Alguns anos depois, Moacir já não fazia oficialmente parte d’Os Guará e Vânia era uma Agiotadora iniciante pela Mega Cidade de São Paulo. – Eram tempos difíceis para o povo, mas bom pra gente, toda esquina tinha pelo menos um endividado valendo 10 mil, sabe? – Dona Dasimov descreveu-me. Foi em um de seus dias de serviço que Vânia decidiu fazer o último serviço do dia, acessou o aplicativo no painel de seu carro e lá apareceu o rosto de Moacir.

– O nome dele me era familiar, mas eu não tinha ligado os pontos, não, meu pai falou dele quando eu era menina, mas quem que quer escutar o pai falar sobre velhos que matavam os outros? – Ela riu enquanto sol-

tava a fumaça e selecionava um disco para ouvirmos durante nossa conversa queria me mostrar um disco de uma banda que não lembrava o nome.

Vânia disse-me não se lembrar exatamente do valor pela cabeça do Sr. Ponta Fina, mas que era um preço alto. Confessou que escolheu porque almejou comer em um daqueles restaurantes chiques que ficavam no centro, quase babava ao se lembrar do prato que desejava, um pernil suíno 100% carne. Visto o objetivo dela com aquela caça, com certeza era um valor alto na cabeça de Moacir.

Selecionou o alvo e partiu com seu veículo. Um 8ofsetter 52 conseguia fazer até 200 Km/h em solo e 50 Km/h em propulsão, foi a décima geração a ter essa tecnologia, a viagem seria curta hoje, mas na época, como ela disse, demorou cerca de uma hora e meia para concluir o trajeto. Pelo que me foi descrito, São Paulo era uma cidade completamente diferente da que hoje podemos ver pela janela. O maior prédio tinha apenas 190 m e o segundo maior possuía 170. É engraçado pensar em como o céu era tecnicamente limpo naqueles tempos. – Hoje em dia eu

nem posso dirigir mais, é letreiro pra tudo quanto é lado, cansa a vista, bem...

O campo não mudou muito, Moacir morava no motivo de seu endividamento, um restaurante de estrada entre as grandes fazendas de Verme da Terra, trigo e soja. Aqui deixo as palavras dela, pois, não há forma que eu possa descrever, afinal de contas, eu não estava lá.

– Cheguei e puxei o tubo-laser do painel, naquela época o meu Oitinho tinha um carregador acoplado, eu quase nunca usava ele, mas senti que deveria, parecia que tinha um insetinho no meu coro cabeludo me avisando do perigo. Peguei né e fui direto pra Boca do Diabo, era um bar e restaurante bem capenga, tudo terceirizado e usado, as luzes de fora tavam quase queimando, as entradas de ar já guardavam aranhas e a porta automática rangeu pra diaxo na hora de abrir. Quando entrei, quase fui aberta em duas pela porta foi um PLAM alto, viu? Se Moacir não tinha me ouvido chegar, naquele momento ouviu.

Sempre frequentei esses botecos, as pessoas podem falar que é lugar triste e que fede e que blá blá blá, é coisa de chato, boteco é bom! Não é só o lugar, são as pessoas lá! E

eu entendi isso quando entrei mesmo, porque ver aquele boteco vazio foi deprimente...

Botei o tubo na cintura e cobri com a jaqueta, me apoiei no balcão, dei de frente com a coleção de garrafas de frente a um espelho longo e um jarro de cebola em conserva. Parecia estar sozinha, foi que o homem veio. Velho, mas arrumado. Grisalho, pele igual a minha assim, bem marronzinho claro, daqueles que fica dourado no sol, e os olhos brilhando no escuro, parecia lobo mesmo. Percebi ali que além de ter botado uma prótese no braço, tinha os olhos modificados também. Hoje pra reparar se é prótese ou não, tem que ter olho bom... naquela época era coisa clara mesmo, bem das precária hoje eram coisa de rico na época. “Pois não?” ele disse e eu respondi, opa, Moacir?

O moço chegou, foi pra detrás do balcão e, me olhando bem nos olhos, falou: “A senhora não me engana” e eu nem queria enganar ele não, mas aquilo me assustou, confesso. “Cê tá aqui é pra matar eu, não?” Nessa hora eu já tava com a mão no tubo pela jaqueta. Moacir, falei, tô aqui pra resolver essa sua dívida. E eu tava mesmo, não sou daqueles que chega atirando, não, eu gosto

de conversar antes. “Resolver? A senhora vai pagar pra mim?” Eu não, falei e ele já puxou um: “Pois não se esquite em resolver nada, quer saber onde foi o dinheiro? Pra cá! Nesse lixo caído que eu pensei ser a única coisa que me tirasse do crime, lutei por esse povo daqui e como me agradecem? Deixando meus negócios caírem sem nem vir ver se a comida é quente e a bebida gelada...”

Fiquei sentida, mas não sabia o que dizer. Então eu falei: Pois bem, me deixa ver se essa bebida é gelada mesmo. E ele puxou um copo, um limão caipira sintético e gelo. “Cê tem cara de quem gosta de uma caipirinha caipira” ele até pareceu sem jeito. Só concordei e vi ele preparar dois copos com bastante cachaça, gelo e limão. Eu não tinha reparado bem, mas a faca movia na mão dele com uma agilidade impressionante, todas as fatias de limão tinham o mesmíssimo tamanho, o gelo que era cubo foi rapidamente raspado na faca para virarem esferas e o lacre da garrafa foi cortado na finura da tampa com o rótulo em um piscar de olhos.

Ele preparou os dois copos, tava uma delícia, bem, cê não parece que curte beber, mas dá uma chance se conseguir, o complicado é

achar alguém que saiba misturar bem o álcool com o suco do limão. Nem muito azedo e nem muito amargo, no ponto. Ele deu um bom gole e me olhou com aquela carranca sinistra dele. Me deu o toque ali. Você traficava prótese e hoje usa uma pra ter bar é? Falei da boca pra fora, sempre fui bocuda, esse é minha maldição. “É, mas tem tradição que não muda não” ele disse virando a bebida toda na boca e levando as mãos pra debaixo do balcão. Tipo? Perguntei. “Eu sempre gostei de beber caipirinha antes de matar moça bonita”. Graças a Deus além de bocuda eu tenho as pernas ligeiras.

Me joguei pra trás e uma faca arremessada pelo Moacir passou alguns cachinhos do meu cabelo. Dei com os cotovelos no chão melecado de álcool seco e saquei o tubo. Bang! Atirei direto na madeira do balcão e ouvi o grito contido dele, pelo rombo fumegante da madeira eu o vi correr pro lado. Fui pra porta, meu plano era sair de dentro do bar e sentar os tiros nele lá fora mesmo, perto do carro pra fugir se preciso. Mas mesmo, Moacir me agarrou. Levei um corte fundo bem aqui, meu bem, no quadril, olha a cicatriz. Foi uma dor tão da desgraçada que eu dei com o braço no nariz dele e parti pra

porta, lembra que eu falei que ela dava umas engasgadas? Pois é, engasgou! Tive que me espremer pelo fio e levei mais uns cortes nos braços, acabando com a minha jaqueta favorita da época.

Mesmo já lá fora, ele não quis largar o osso não e foi passar pelo mesmo vão da porta que eu. Apontei a arma pra ele e aquele braço cromado dele deu de encontro com o cano da minha arma, puxei o gatilho mesmo assim e o disparo fez curva com a pancada dele para em direção ao painel da porta. CHOP! A porta fechou comigo do lado de fora e ele meio-à-meio. – Ela deu uma tragada funda.

Eu a perguntei: – E então?

– Então eu fiz o serviço restante, registrei a missão concluída e esperei o pagamento enquanto consultava meu plano de saúde. No fim, o plano de saúde não pagava ferimentos por faca em missão e eu só recebi 25% do que a cabeça dele valia, não deu nem pra pagar a entrada do restaurante. Aquilo me mudou, mudou mesmo, percebi que no mundo eu podia ser a limpa-sujeira pros bancos, mas eu também não deixava de ser sujeira também. – Foi assim que ela terminou a história. Um final amargo para mim.

Depois de concluir esse texto, fui entrar em contato com Dona Vânia de novo e descobri que ela estava certa, apesar de amarga. Enquanto conversávamos, seu nome entrava na lista de endividados. Infelizmente, Vânia Dasimov não conseguiu me mostrar o disco que ficou tentando se lembrar enquanto conversávamos.

Rafael Marchiori, também conhecido por **Libra**, nasceu em São Paulo, SP. É escritor e quadrinista amador, publica contos, quadrinhos e ilustrações através da revista digital Geo Rotor (2018-2023), seu Medium, Twitter e Wattpad.

Contato:

rafaelfrerimarchiorio2@gmail.com

FUMAÇA

PEDRO WALDHELM HUBER

Deu a última tragada no seu último cigarro. Viu a fumaça fraca e branca subindo até se dispersar completamente. José olhou para o maço vazio e um desalento apossou-se de seu peito cavado. Mirou o céu cinza-escuro comum nos verões paulistanos e fingiu não se importar com o sentimento. Deixou a pequena caixa de cigarros vazia de lado. Enquanto observava e absorvia toda a cidade monocromática, José tentou lembrar-se há quanto tempo havia conseguido o maço. Há uns bons meses, com certeza, mas quanto? Suas memórias já

estavam há muito tempo enfraquecidas e fez um esforço tremendo; lembrou-se apenas de pagar uma boa nota pelo tabaco e do quanto economizou para mantê-lo. Passar meses com vinte cigarros, dando apenas uma ou duas leve tragadas por dia já era habitual.

José olhou uma última vez, através do vidro marcado da janela, alguns dos veículos públicos e privados que passavam, alguns com rodas, outros sem. Levantou-se da pequena cadeira, deu um gole na bebida escura e amarga vendida pelo nome de “café” e tomou a sua pílula com as calorias necessárias para passar o dia. Pegou o maço vazio e resolveu guardá-lo junto com alguns outros que tinha, a título de recordação. Olhou as horas e viu que ainda era cedo; estava de folga do seu trabalho como mecânico de veículos antiquados, como diziam, onde consertava alguns carros de homens saudosistas, talvez até como o próprio José. Pelo dia livre, achou que seria bom já acabar com o problema e ir à procura de cigarros. Pegou o isqueiro, o dinheiro que já estava guardando, seus documentos e saiu.

As crises nas plantações de tabaco, frutos de mudanças climáticas, dificultaram o acesso ao fumo e, mesmo que a demanda

seja baixa, os poucos comerciantes que têm acesso ao produto não ficam nem um pouco sentidos em cobrar caro. Mas para a maior parte dos fumantes, isso não era um problema: a demanda pequena pelo cigarro dava-se por conta da rápida substituição pelo seu paralelo eletrônico, cujo consumo já crescia até mesmo antes das crises.

Ao entrar no elevador, José fitou-se no espelho: o corpo magérrimo, a barba por fazer, o cabelo ralo nas têmporas, o lábio fino e seco, os olhos castanhos, os seus cinquenta anos estampados no rosto. Cinquenta, pensou. Parecia mais velho que isso há pelo menos uns dez anos. Já sabia aonde iria. Conhecia um comerciante, o Jaca, como era chamado, que possuía uma tabacaria perto e sempre tinha algum maço, pelo menos um. Ao sair do prédio, deparou-se com uma viatura que acabara de chegar e de onde saíram três policiais: dois humanos e um nitidamente androide, provavelmente alguma edição mais antiga. Aparentemente, os agentes estavam ali com um mandado de prisão. Não era uma cena exatamente anormal. José virou à direita e seguiu seu caminho.

Não fosse o dia abafado, andaria mais rápido; não por pressa, mas por costume. Dobrou as mangas da camisa até os cotovelos, enxugou o suor da testa e endireitou o corpo vergado pela pressão do ar quente. Ao virar a esquina, deu de cara com um grande letreiro holográfico vermelho vibrante, cuja mensagem era algo relacionado a algum tipo de “economia de libido”; era mais uma das várias propagandas contra as popularmente conhecidas “casas de prazer”. Não era um letreiro isolado, era apenas mais um dentro de um enorme arsenal metropolitano; e essa miríade luminosa não apenas incomodava, mas também estressava José, que apertou mais o passo.

Ao virar mais uma esquina, à esquerda, a tabacaria já se apresentava. Aproximou-se, observou a vitrine com as centenas de cigarros eletrônicos, essências líquidas e peças para o fumo mecânico.

- Como anda? - Cumprimentou José.

- Há quanto tempo, hein? - respondeu o vendedor, numa voz rouca e mostrando os dentes amarelados. - Eu estou indo, como sempre. Acabaram os cigarros?

- Infelizmente. Mas acho que essa é a tendência.

- Pois é, você tá certo. Eu também estou sem.

- Nada?! - José reagiu em sobressalto. E após olhar brevemente para o rosto do vendedor, afundou a cabeça nas mãos e deu um suspiro profundo e abafado. - Como isto aqui ainda se chama “tabacaria” se não tem tabaco?

- Ah, meu carinha – respondeu o Jaca -, acho que se mantêm o nome por costume, entende o que eu digo? As plantações estão cada vez mais acabadas, e isso aumenta o preço; não vale mais a pena comprar, até porque a demanda também está cada vez mais baixa. Tem certeza de que não quer nada eletrônico? Tenho até essência de tabaco.

O olhar obstinado de José cobriu o rosto do comerciante. - Não é a mesma coisa.

- Entendo. Mas, olha, tem um outro cara que eu conheço, acho que ele ainda tem cigarro. Mas fica lá no Ipiranga, perto daquele museu.

Certo, pensou José, acho que o caminho hoje vai ser mais longo. Agradeceu a informação, virou-se e foi à estação de metrô mais próxima, a Consolação, que já não aparentava ser tão movimentada quanto antes. Os aplica-

tivos de carona tornaram-se mais baratos, o que aumentava, naturalmente, o número de pessoas que davam escolha a esse meio, e os motoristas foram substituídos por andróides. O metrô tornara-se, então, mais inabitado. Não que fosse algo completamente inutilizado, mas não se via o mesmo fluxo de antes.

José sentou-se no último banco do primeiro vagão que viu e curvou o corpo para frente, numa demonstração de cansaço. Uma mulher ao seu lado, enquanto segurava um dispositivo quadrado e com um bocal, soprava uma densa fumaça branca e cheirosa e não parecia se importar com o lugar fechado. O caminho não era demorado, não precisaria fazer nenhuma baldeação. Por todo o trajeto, José permaneceu sentado, apenas sentido o frescor de dentro do vagão e as vibrações sonoras da voz feminina e robótica apresentando as estações. E em pouco tempo, essa mesma voz, no mesmo tom, anunciou o Alto do Ipiranga.

Ao sair do metrô, foi rapidamente tomado mais uma vez pela pressão abafada. Em mais um letreiro brilhante, conferiu o horário. Andando por uma avenida, passou por alguns postos de abastecimento recheados de carros pilotados por máquina sintéticas e orgânicas.

Parou no meio da calçada subitamente, olhou a multidão que passava; eram todos, humanos e andróides, em um só corpo fluido que se movimentava, agitava e respondia pela sua devida programação. Não era de seu costume parar assim, do nada, de repente, e só olhar. Mas o fez, não se sabe o porquê. Colocou a mão na testa. Eu sou uma máquina, pensou José, uma máquina que precisa de cigarro. O calor de repente aumentou, desabotoou mais um botão da camisa e respirou mais profundamente. Perguntou a hora a alguém que passava e continuou a andar, agora mais para não pensar do que pelo fumo.

Logo viu a estrutura do museu, antigo, com a pintura levemente escurecida e velha, passava um ar de longínquo esquecimento. Mas estava de pé. José observou a construção ainda de longe, enquanto se aproximava. Andou mais alguns metros e parou em meio a uma ponte; apoiou as mãos na cerca de proteção baixa e enferrujada. Não é lá muito seguro, pensou. Inclinou levemente a cabeça para baixo e fitou o rio que passava. A água aparentava ser rasa e tinha um aspecto turvo, como se estivesse suja; suas margens eram enlameadas e sua coloração, escura.

Ao lado do museu, parecia ter encontrado a tabacaria. Era um estabelecimento grande e, ainda de longe, notou o conjunto de cigarros eletrônicos enfileirados nas vitrines. Entrou na loja e foi atendido por um homem alto, loiro, com uma mácula em seu rosto; tinha um aspecto indecoroso.

- Opa - começou José.

O vendedor respondeu apenas com um movimento de cabeça.

- Tem cigarro? - perguntou enquanto olhava alguns amontoados elétricos.

- Tem algum modelo em mente?

- Não, não, eu queria tabaco.

O homem abriu um sorriso mostrando dentes desalinhados e sadismo. Abaixou-se, pegou um único cigarro de palha e colocou-o no balcão. - Duzentos.

- O quê?! Por quê?

- Irmão, está cada vez mais difícil conseguir tabaco. Quase ninguém em São Paulo tem mais pra vender, sem falar na baixa procura. Além disso, o palheiro dura mais, sempre foi mais caro.

- Eu sei, eu sei. Mas duzentos reais por um?

- Esse é o preço - sentenciou o pracista.

José pegou seu dinheiro, fitou-o e bufou. No mesmo momento, outra mulher entrou na loja. O homem loiro deixou o cigarro no balcão e prontamente a atendeu com um sorriso – agora simpático - já estampado. José firmou o olhar sobre a situação. Onde mais encontraria algum fumo na cidade, no estado, no país? E precisava daquilo. Não queria se render ao elétrico, parecia-lhe falso, até mesmo torpe. Era uma rejeição completa. Levantou o braço reticente, esboçou um vago meneio de mão; e com um movimento melífluo, porém rápido, colocou o cigarro de palha no bolso esquerdo e saiu da loja como se não fosse com ele.

Tentou ao máximo caminhar tranquilo. E até o fez por um tempo. Andou um pouco, não olhou para os lados, achou que tinha passado despercebido. Mas um leve som agudo e crescente foi surgindo atrás dele, não muito perto, entretanto. Virou-se e apenas viu o objeto cilíndrico e furado apontado em sua direção. Dele, vinha uma luz avermelhada e o som agudo. Era um sinal de carregamento. José sentiu não apenas o seu coração, mas também todos os seus órgãos subindo pela

garganta. E nesse momento, a sua principal programação - o instinto de sobrevivência - exerceu seu comando. Sem tirar os olhos do objeto, correu desesperadamente. Viu um projétil luminoso perfurar um poste enquanto o ultrapassava. Não tinha um caminho definido; foi seguindo por onde dava, alternando entre olhar para frente e virar-se para trás. Também não ouvia nada exatamente. Todos as sensações e sentidos estavam misturados, triturados. E em meio a essas indefinições, destacou-se uma: a dor. Encarou a barriga perfura. Visou o entorno e percebeu-se na ponte, logo nela. Cambaleou para o lado e resvalou para o rio.

Já aterrissado, mirou, através da visão escurecida, a cabeça loira observando-o de cima. E desmaiou.

José acordou não se sabe quanto tempo depois, já de noite. A metade direita do seu corpo estava na água; a esquerda, pousada na lama. Tudo em volta era escuridão. Via-se apenas a poluição visual da cidade projetada no céu preto. Analisou o breu do espaço ao redor. O corpo cansado, exausto. O buraco, ainda quente, ainda queimando, na barriga. O sangue. Tentou levantar-se, mas não

conseguiu. Cada movimento doía-lhe até os ossos. Não tinha como sair dali. E talvez ele mesmo nem quisesse. Sentia-se miseravelmente confortável. “Engraçado, sinto-me tão distante da cidade, mesmo que ainda esteja nela.” E no coração. O dinheiro e os documentos encharcados em um bolso; no outro, o isqueiro e o palheiro. Puxou-o, acendeu-o. Deu uma tragada longa, massiva e quase insuportavelmente dolorida. Não se importava. Ali, estirado, não se importava com mais nada. A fumaça subindo, indistinguível. Sabia que aquele seria o seu último cigarro.

Pedro Waldhelm Huber nasceu em São Paulo, SP. É escritor, poeta e músico amador. Publica seus textos em seu Medium e Twitter.

Contato:
pedrohuber5@gmail.com

NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

Nosso podcast *Território Cyberus* está disponível nas principais plataformas de áudio, porém estamos sem tempo para produzir novos conteúdos.

O retorno da *Revista Tricerata* só foi possível graças aos esforços (de alguns) dos participantes do grupo do WhatsApp que me incentivaram a continuar com o projeto, principalmente ao organizador Lucas Havoc e ao, agora, diagramador oficial da Tricerata, Douglas Domingues. Muito obrigado, pessoal!

Estamos sempre com editais abertos de antologias. Vocês podem conferir no site: <https://linktr.ee/editoracyberus>.

Queremos lançar, no mínimo, uma antologia por mês através de financiamento coletivo. Nosso perfil no Catarse é o: <https://www.catarse.me/users/245100?userid=245100>

É isto, pessoal. Obrigado novamente por ter lido até aqui e nos vemos em breve!